

NIAL FERGUSON

A

PRACA

CRITICA
TORRE

**REDES, HIERARQUIAS E A
LUTA PELO PODER GLOBAL**

Tradução

Angela Tesheiner e Gavin Adams

CRÍTICA

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Sumário

<i>Prefácio: O historiador interconectado</i>	11
---	----

PARTE I

Introdução: Redes e hierarquias

1. O mistério dos <i>illuminati</i>	23
2. A nossa era interconectada	31
3. Redes, redes para todos os lados	36
4. Por que as hierarquias?	43
5. Das sete pontes aos seis graus	46
6. Laços fracos e ideias virais	52
7. Variedades de redes	58
8. Quando as redes se encontram	64
9. Sete conceitos	68
10. Os <i>illuminati</i> iluminados	71

PARTE II

Imperadores e exploradores

11. Uma breve história da hierarquia	81
12. A primeira era interconectada	87
13. A arte da negociação da Renascença	90
14. Descobridores	93
15. Pizarro e os incas	99
16. Quando Gutenberg conheceu Lutero	104

PARTE III
Letras e lojas

17. As consequências econômicas da Reforma	115
18. Trocando ideias	117
19. Redes do Iluminismo	124
20. Redes da revolução	129

PARTE IV
A restauração da hierarquia

21. O vermelho e o negro	145
22. Da multidão à tirania	148
23. Ordem restaurada	153
24. A casa de Saxe-Coburgo-Gota	158
25. A casa de Rothschild	162
26. Redes industriais	170
27. Da pentarquia à hegemonia	177

PARTE V
Cavaleiros da Távola Redonda

28. Uma vida imperial	181
29. Império	184
30. Taiping	195
31. “Os chineses precisam ir embora”	200
32. A União Sul-Africana	206
33. Apóstolos	213
34. Armagedom	221

PARTE VI
Pestes e flautistas

35. Greenmantle	229
36. A peste	241
37. O princípio do líder	250
38. A queda da internacional dourada	254
39. O Círculo dos Cinco	263
40. Breve encontro	274
41. Ella no reformatório	281

PARTE VII
Possua a selva

42. A longa paz	295
43. O general	297
44. A crise da complexidade	304
45. A rede de poder de Henry Kissinger	311
46. Adentrando o vale	326
47. A queda do império soviético	333
48. O triunfo do homem de Davos	338
49. Quebrando o Banco da Inglaterra	343

PARTE VIII
A Biblioteca de Babel

50. 11/9/2001	361
51. 15/9/2008	369
52. O Estado administrativo	375
53. Web 2.0	379
54. Desmanche	388
55. Tuitando a revolução	393
56. 9/11/2016	408

PARTE IX
Conclusão: Enfrentando a Cyberia

57. Metrópolis	421
58. Apagão da rede	424
59. FANG, BAT e UE	440
60. A praça e a torre redux	447

<i>Posfácio: A praça e a torre originais:</i>	
<i>Redes e hierarquias na Siena do Trecento</i>	453

<i>Apêndice</i>	461
<i>Notas</i>	467
<i>Bibliografia</i>	515
<i>Lista de ilustrações</i>	551
<i>Índice remissivo</i>	555
<i>Sobre o autor</i>	589

CRÍTICA

Prefácio

O historiador interconectado

Vivemos num mundo interconectado, ou é isso que nos dizem constantemente. A palavra *network* (rede), raramente utilizada antes do fim do século XIX, é hoje usada em excesso tanto como verbo quanto como substantivo na língua inglesa. Para o jovem ambicioso que está por dentro das coisas, vale sempre a pena ir à próxima festa, não importa quão tarde seja, a fim de ampliar a rede de contatos (*networking*). Dormir talvez seja tentador, mas o medo de perder uma oportunidade é aterrador. Por outro lado, para o velho descontente que está do lado de fora, a palavra “rede” tem outra conotação. Cresce a suspeita de que o mundo é controlado por redes poderosas e exclusivas: os banqueiros, a elite governante, o Sistema, os judeus, os maçons, os *illuminati*. Quase tudo o que é escrito seguindo essas linhas é bobagem. No entanto, parece improvável que as teorias conspiratórias fossem tão persistentes se essas redes não existissem de nenhuma forma.

O problema com os que defendem essas teorias conspiratórias é que, estando do lado de fora e sentindo-se lesados, eles invariavelmente têm dificuldades para entender e interpretar o modo como as redes operam. Em particular, eles tendem a partir do princípio de que redes de elite controlam em segredo e com facilidade as estruturas formais do poder. A minha pesquisa – assim como a minha própria experiência – indica que não é esse o caso. Pelo contrário, as redes informais costumam ter uma relação altamente ambivalente, às vezes até hostil, com as instituições estabelecidas. Os historiadores profissionais, em contraste, tendiam até há bem pouco tempo a ignorar, ou pelo menos subestimar, o papel das redes. Mesmo hoje, a maioria dos historiadores acadêmicos prefere estudar os tipos de instituição que criam e conservam arquivos, como se aquelas que não deixam um rastro de papel organizado simplesmente não contassem. Reitero que a minha pesquisa e a experiência me ensinaram a ter

cautela diante da tirania dos arquivos. Muitas vezes, as maiores mudanças na história são os feitos de grupos de pessoas organizados de maneira informal e com pouca documentação.

Este livro é sobre o fluxo e refluxo irregular da história. Ele distingue as longas épocas em que as estruturas hierárquicas dominaram a vida humana das eras mais raras e dinâmicas em que as redes foram favorecidas, graças em parte às mudanças na tecnologia. Em termos simples: quando a hierarquia é a ordem do dia, o poder de cada um equivale ao do seu degrau na escada organizacional de um Estado, corporação, ou instituição sistematizada de modo similar. Quando as redes têm a vantagem, o poder de cada um equivale ao da sua posição em um ou mais grupos sociais estruturados horizontalmente. Como veremos, essa dicotomia entre hierarquias e redes é uma simplificação exagerada. Mesmo assim, algumas revelações pessoais talvez ilustrem a sua utilidade como ponto de partida.

Na noite de fevereiro de 2016 em que escrevi o primeiro esboço deste prefácio, compareci à festa de lançamento de um livro. O anfitrião era o ex-prefeito de Nova York. O autor cuja obra havíamos nos reunido para prestigiar era um colunista do *Wall Street Journal* e havia sido no passado escritor de discursos presidenciais. Eu estava lá a convite do editor-chefe da Bloomberg News, a quem conheço porque frequentamos a mesma faculdade em Oxford há mais de um quarto de século. Na festa, saudei e conversei brevemente com cerca de dez pessoas, entre elas: o presidente do Conselho de Relações Exteriores; o diretor executivo da Alcoa Inc., uma das maiores empresas industriais dos Estados Unidos; o editor das páginas de comentários do *Wall Street Journal*; um apresentador da Fox News; uma participante do Colony Club de Nova York e o marido dela; um jovem redator de discursos que se apresentou dizendo que havia lido um dos meus livros (sem dúvida, a maneira correta de iniciar uma conversa com um professor).

Em certo nível, o motivo pelo qual eu estava naquela festa era óbvio. O fato de eu ter trabalhado em várias universidades bem conhecidas – Oxford, Cambridge, Nova York, Harvard e Stanford – automaticamente me torna parte de múltiplas teias de ex-alunos de faculdade. Como consequência do meu trabalho como escritor e professor, também me juntei a várias redes econômicas e políticas como o Fórum Econômico Mundial e as reuniões de Bilderberg. Sou membro de três clubes em Londres e um em Nova York. Atualmente,

faço parte da comissão de diretores de três entidades corporativas: uma administradora de bens global, um *think tank* inglês e um museu em Nova York.

Entretanto, apesar de eu ser relativamente bem relacionado, não tenho quase nenhum poder. Um aspecto interessante da festa foi que o ex-prefeito usou a oportunidade, em seu curto discurso de boas-vindas, para indicar (sem muito entusiasmo) que estava cogitando entrar, como candidato independente, na disputa para eleger o próximo presidente dos Estados Unidos. Porém, como cidadão britânico, eu não poderia nem mesmo votar nessa eleição. E o meu apoio de forma nenhuma aumentaria as chances dele ou de qualquer outro candidato. Devido à minha posição como acadêmico, a esmagadora maioria dos norte-americanos imagina que sou completamente desvinculado da vida real das pessoas comuns. Diferentemente dos meus antigos colegas de Oxford, não controlo as admissões de graduandos. Quando dava aulas em Harvard, eu podia dar notas boas ou medíocres a meus alunos, mas não tinha de fato nenhum poder para impedir nem mesmo o mais fraco deles de se formar. Eu tinha apenas um entre muitos votos do corpo docente sênior quando eram decididas as admissões para o doutorado; mais uma vez, nenhum poder. Exerço algum poder sobre as pessoas que trabalham para a minha firma de consultoria, mas em cinco anos despedi no total um empregado apenas. Sou pai de quatro filhos, mas a minha influência – o que se dirá do meu poder – sobre três deles é mínima. Até o caçula, aos 5 anos, já está aprendendo a desafiar a minha autoridade.

Em resumo, simplesmente não sou uma pessoa muito hierárquica. Por escolha, sou mais o tipo que opera em redes. Quando era aluno de graduação, desfrutei da falta de estratificação da vida universitária, em especial da profusão de sociedades organizadas de modo informal. Juntei-me a muitas delas e compareci, com pouca regularidade, às reuniões de poucas. Minhas duas experiências favoritas em Oxford foram tocar o contrabaixo em um quinteto de jazz – um conjunto que até hoje se orgulha de não ter um líder – e participar das reuniões de um pequeno clube conservador de debates chamado Canning. Optei por me tornar acadêmico porque, quando tinha vinte e poucos anos, eu preferia ardentemente a liberdade ao dinheiro. Ao ver meus contemporâneos e seus pais empregados em estruturas de administração verticais tradicionais, estremei. Ao observar os mestres de Oxford que me ensinavam – membros de uma entidade corporativa medieval, cidadãos de uma antiga república de

letras, soberanos em seus estudos livrescos –, senti o impulso irresistível de seguir os seus vagarosos passos em sapatos de couro. Quando a vida acadêmica se provou bem menos remunerada do que as mulheres na minha vida esperavam, batalhei para ganhar dinheiro sem me submeter à indignidade de um emprego real. Como jornalista, eu optava por trabalhar como *freelancer*, no máximo como empregado em tempo parcial, de preferência a ser colunista contratado. Quando passei para a televisão, eu escrevia e me apresentava como um agente independente, e mais tarde construí a minha própria empresa de produção. O espírito empreendedor combina com o meu amor pela liberdade, embora eu diga que fundei empresas mais para me manter livre do que para enriquecer. O que aprecio mais é escrever livros sobre assuntos que me interessam. Os melhores projetos – a história dos bancos dos Rothschild, a carreira de Siegmund Warburg, a vida de Henry Kissinger – chegaram até mim por meio da minha rede de contatos. Apenas muito recentemente me dei conta de que são também livros *sobre* redes.

Alguns entre os meus contemporâneos buscaram fortuna; poucos a obtiveram sem pelo menos um período de trabalho escravo, em geral a serviço de um banco. Outros buscaram poder; esses também escalaram a hierarquia de seus partidos e decerto se espantam hoje com as indignidades por que passaram um dia. Há humilhações nos primeiros anos da vida acadêmica, sem dúvida, mas nada comparável a ser estagiário da Goldman Sachs ou modesto voluntário de campanha para um candidato derrotado de um partido da oposição. Entrar na hierarquia significa se rebaixar, pelo menos a princípio. Hoje, porém, alguns dos meus colegas de classe de Oxford estão no topo de poderosas instituições no papel de ministros ou diretores executivos. As decisões que tomam têm o potencial de afetar de forma direta a distribuição de milhões, se não bilhões de dólares, e às vezes até o destino de nações. A esposa de um contemporâneo de Oxford que entrou na política certa vez se queixou para ele sobre as longas horas de trabalho, a falta de privacidade, o baixo salário e os raros feriados de que ele desfrutava – além da insegurança no emprego, que é inerente numa democracia. “Mas o fato de que eu aturo tudo isso”, respondeu ele, “apenas prova quão *maravilhoso* é o poder”.

Será que é mesmo? É melhor hoje fazer parte de uma rede, que dá influência, do que de uma hierarquia, que oferece poder? Qual descreve melhor a sua posição? Todos nós somos necessariamente membros de mais de uma estrutura

hierárquica. Somos quase todos cidadãos de pelo menos um Estado. Muitos de nós somos empregados de pelos menos uma corporação (e uma quantidade surpreendentemente alta das corporações do mundo é ainda controlada pelo Estado de maneira direta ou indireta). A maioria das pessoas com menos de 20 anos de idade no mundo desenvolvido provavelmente está em algum tipo ou outro de instituição educacional; não importa o que essas instituições aleguem, a estrutura delas é fundamentalmente hierárquica. (É verdade que a presidente de Harvard tem poder bastante limitado sobre um professor com estabilidade no emprego; mas ela e a hierarquia dos reitores que lhe respondem exerce uma grande quantidade de poder sobre todos os outros, desde o mais brilhante professor até o mais humilde aluno do primeiro ano.) Um número significativo de jovens em todo o mundo – mesmo que seja bem menor do que na maior parte dos últimos quarenta séculos – está cumprindo serviço militar, por tradição a mais hierárquica das atividades. Se você “responde” a alguém, mesmo que seja apenas a um conselho administrativo, então faz parte de uma hierarquia. Quanto mais pessoas respondem a você, mais longe você está do pé da montanha.

Contudo, a maioria de nós pertence a mais redes do que a hierarquias, e com isso não quero dizer apenas que temos contas no Facebook, no Twitter ou em uma das outras redes de computador que surgiram na internet nos últimos dez anos. Temos redes de parentes (poucas famílias no mundo ocidental de hoje são hierárquicas), de amigos, de vizinhos, de pessoas que compartilham os nossos interesses. Somos ex-alunos de instituições educacionais. Somos torcedores de times de futebol. Somos membros de clubes e sociedades, ou apoiadores de instituições de caridade. Até a nossa participação nas atividades de instituições com estrutura hierárquica como igrejas ou partidos políticos têm maior relação com redes do que com trabalho, pois participamos como voluntários e não temos expectativa de compensação monetária.

Os mundos das hierarquias e redes se encontram e interagem. Dentro de qualquer grande corporação há redes bem distintas do “organograma” oficial. Quando um chefe é acusado de favoritismo por alguns funcionários, a insinuação é que alguns relacionamentos informais estão tomando precedência sobre o processo formal de promoções administrado pelo “Departamento de Recursos Humanos” no quinto andar. Quando funcionários de firmas diferentes se encontram para beber após o trabalho, eles passam da torre vertical da

corporação para a praça horizontal da rede social. De modo crucial, quando um grupo de indivíduos se reúne, e cada um tem poder em uma estrutura hierárquica diferente, essa rede de contatos pode levar a consequências profundas. Em seus romances sobre o casal Palliser, Anthony Trollope captou de forma memorável a diferença entre poder formal e influência informal ao descrever políticos da era vitoriana se condenando mutuamente em público na Câmara dos Comuns e depois trocando confidências íntimas na rede de clubes de Londres aos quais pertenciam. Neste livro, quero demonstrar que essas redes são encontradas em quase toda a história humana e que são muito mais importantes do que a maioria dos livros de história leva seus leitores a acreditar.

Antigamente, como já mencionei, historiadores não primavam pela reconstrução de redes do passado. Elas eram negligenciadas em parte porque a pesquisa histórica tradicional utiliza sobremaneira como fonte de material os documentos produzidos por instituições hierárquicas como os Estados. As redes mantêm registros, mas estes não são tão fáceis de se encontrar. Recorde que, quando eu era um inexperiente aluno de pós-graduação, entrei nos Arquivos do Estado de Hamburgo e me indicaram uma sala desconcertante cheia de *Findbücher* – os enormes volumes com capas de couro, manuscritos em alemão arcaico mal legível, que constituíam o catálogo do arquivo. Esses, por sua vez, levavam a inúmeros relatórios, livros de atas e correspondências produzidos por todas as diferentes “delegações” da burocracia um tanto antiquada da cidade-Estado hanseática. Lembro-me vividamente de folhear os livros que correspondiam ao período que eu estava pesquisando e, para meu horror, descobrir que não havia uma única página que fosse do menor interesse. Imagine o meu intenso alívio, após algumas semanas de total desolação, quando me levaram para uma pequena sala com painéis de carvalho que abrigava os papéis particulares do banqueiro Max Warburg, cujo filho Eric eu conhecera por pura sorte num chá da tarde no consulado britânico. Em poucas horas, compreendi que a correspondência de Warburg com os membros da sua própria rede oferecia maior informação sobre a história da hiperinflação alemã do início da década de 1920 (meu tópico escolhido) do que todos os documentos do *Staatsarchiv* juntos.

No entanto, por muitos anos, como a maioria dos historiadores, fui casual na maneira como pensava e escrevia sobre as redes. Na minha mente, havia

um vago diagrama que conectava Warburg aos outros membros da elite de negócios alemão-judaica por meio de vários laços de parentesco, parcerias e “afinidade eletiva”. Mas não me ocorreu pensar de modo rigoroso naquela rede. Contentei-me em pensar, de forma preguiçosa, nos seus “círculos” sociais, um termo muito imperfeito da arte. E receio que eu não tenha sido muito mais sistemático quando escrevi, anos mais tarde, a história dos bancos interconectados dos Rothschild. Concentrei-me demais na complexa genealogia da família, com seu sistema nada incomum de casamentos entre primos, e muito pouco na rede mais ampla de agentes e bancos afiliados que não foi menos importante em tornar aquela família a mais rica do mundo no século XIX. Em retrospecto, eu deveria ter prestado mais atenção àqueles historiadores de meados do século XX, como Lewis Namier e Ronald Syme, pioneiros em prosopografia (biografia coletiva), sobretudo como um modo de diminuir o papel da ideologia como ator histórico autônomo. No entanto, os esforços deles não chegaram a constituir uma análise formal de rede. Além disso, eles foram suplantados por uma geração de historiadores sociais (socialistas) que estava determinada a apontar as classes ascendentes e decadentes como propulsoras da mudança histórica. Eu havia aprendido que as elites de Vilfredo Pareto – desde os “notáveis” da França revolucionária até os *Honoratioren* da Alemanha guilhermina – em geral tinham mais importância do que as aulas de Karl Marx para o processo histórico, mas não aprendera como analisar as estruturas de elite.

Este livro é uma tentativa de me redimir desses pecados de omissão. Conta a história da interação entre redes e hierarquias desde a Antiguidade até o passado bem recente. Junta noções teóricas de inúmeras disciplinas, que vão da economia à sociologia, da neurociência ao comportamento organizacional. A sua tese central é que as redes sociais sempre foram mais importantes na história do que foi concebido pela maioria dos historiadores, com sua fixação em organizações hierárquicas como os Estados – e especialmente em dois períodos. A primeira “era interconectada” seguiu a introdução da prensa tipográfica na Europa no fim do século XV e durou até o fim do século XVIII. A segunda – a nossa própria época – começou na década de 1970, embora eu argumente que a revolução tecnológica que associamos com o Vale do Silício tenha sido mais consequência do que causa de uma crise das instituições hierárquicas. O período intermediário, do fim da década de 1790 até o

fim dos anos 1960, observou a tendência oposta: as instituições hierárquicas reestabeleceram o controle e conseguiram fechar ou cooptar as redes. O zênite do poder organizado de modo hierárquico ocorreu, na verdade, em meados do século XX – a era dos regimes totalitários e da guerra total.

Suspeito que eu não teria chegado a essa conclusão se não houvesse me decidido a escrever a biografia de um dos indivíduos mais adeptos das redes nos tempos modernos: Henry Kissinger. Foi quando cheguei à metade do projeto – com o volume I terminado e o volume II parcialmente pesquisado – que uma hipótese interessante me ocorreu. E se o sucesso, a fama e a notoriedade de Kissinger resultaram não só de seu poderoso intelecto e formidável força de vontade, mas também de sua habilidade excepcional para construir uma rede eclética de relacionamentos, não apenas com colegas nas administrações de Nixon e Ford, mas também com pessoas fora do governo: jornalistas, donos de jornais, embaixadores estrangeiros, chefes de Estado – e até produtores de Hollywood? Muito deste livro sintetiza (espero que sem simplificações exageradas) a pesquisa de outros estudiosos, todos os quais credito da maneira devida, mas em relação à rede de Kissinger ofereço uma tentativa inicial e, acredito, original de descrever a questão.

Um livro é em si o produto de uma rede. Eu gostaria de agradecer, antes de tudo, ao diretor e aos membros da Instituição Hoover, onde este livro foi escrito, assim como aos supervisores e doadores da entidade. Numa época em que a diversidade intelectual é a forma de diversidade que parece ser a menos valorizada nas universidades, a Hoover é um bastião raro, se não único, da inquisição livre e do pensamento independente. Eu também gostaria de agradecer aos meus antigos colegas de Harvard, que continuam a contribuir para o meu pensamento em minhas visitas ao Belfer Center na Escola Kennedy e no Centro de Estudos Europeus, e aos meus novos colegas na Escola Paul H. Nitze de Estudos Internacionais Avançados do Kissinger Center, na Universidade Johns Hopkins, e na Faculdade Shwarzman da Universidade Tsinghua em Pequim.

Obtive assistência de pesquisa inestimável de Sarah Wallington e Alice Han, assim como de Ravi Jacques e Olivia Ward-Jackson. Manny Rincon-Cruz e Keoni Correa ajudaram imensamente a melhorar a qualidade dos gráficos de redes e dos comentários. Recebi notas bastante perspicazes sobre trabalhos e apresentações relacionados de (para nomear apenas alguns dos que

levaram suas ideias ao papel) Graham Allison, Pierpaolo Barbieri, Joe Barillari, Tyler Goodspeed, Micki Kaufman, Paul Schmelzing e Emile Simpson. Os primeiros rascunhos foram lidos por diversos amigos, colegas e especialistas cujo conselho busquei. Aqueles que reservaram algum tempo para me mandar as suas observações foram Ruth Ahnert, Teresita Alvarez-Bjelland, Marc Andreessen, Yaneer Bar-Yam, Joe Barillari, Alastair Buchan, Melanie Conroy, Dan Edelstein, Chloe Edmondson, Alan Fournier, Auren Hoffman, Emmanuel Roman, Suzanne Sutherland, Elaine Treharne, Calder Walton, e Caroline Winterer. Sobre a conclusão do livro, recebi comentários preciosos de William Burns, Henri de Castries, Mathias Döpfner, John Elkann, Evan Greenberg, John Micklethwait e Robert Rubin. Por compartilharem suas ideias e me darem permissão de citar suas obras não publicadas, eu também gostaria de agradecer a Glenn Carroll, Peter Dolton, Paula Findlen, Francis Fukuyama, Jason Heppler, Matthew Jackson e Franziska Keller. Pela ajuda com a história dos *illuminati*, sou grato a Lorenza Castella, Reinhard Markner, Olaf Simons e Joe Wäges.

Como de hábito, Andrew Wylie e seus colegas, em especial James Pullen, representaram a minha pessoa e a minha obra com grande habilidade. E mais uma vez tive o privilégio de ter um livro meu editado por Simon Winder e Scott Moyers, que estão entre os mais criteriosos editores atualmente trabalhando no mundo de língua inglesa. Também não devo me esquecer do meu copidesque, Mark Handsley, e meu fiel revisor e amigo da Virgínia, Jim Dickson, e meu pesquisador de imagens, Fred Courtright.

Finalmente, meus agradecimentos aos meus filhos, Felix, Freya, Lachlan, e Thomas, que nunca reclamaram quando a atividade de escrever livros tomou precedência sobre o meu tempo com eles, e que se mantêm uma fonte de inspiração, assim como de orgulho e deleite. Minha esposa, Ayaan, tem tolerado com paciência o meu uso repetitivo das palavras “rede” e “hierarquia” em nossas conversas. Ela me ensinou mais do que imagina sobre ambas as formas de organização. Eu lhe agradeço também, com amor.

Dedico este livro a Campbell Ferguson, meu saudoso pai, cujo nome terá sido transmitido, a depender das minhas esperanças e preces, ao seu sexto neto quando este livro tiver sido publicado.

CRÍTICA

I

Introdução:
Redes e hierarquias

CRÍTICA

CRÍTICA

1

O mistério dos *illuminati*

Era uma vez, há quase dois séculos, uma rede secreta que tentou mudar o mundo. Fundada na Alemanha apenas dois meses antes das treze colônias britânicas na América do Norte terem declarado a sua independência, a organização se tornou conhecida como a *Illuminatenorden* – a Ordem dos *Illuminati*. Seu objetivo era ambicioso. De fato, seu fundador a chamara originalmente de *Bund der Perfektibilisten* (a Liga dos Perfectíveis). Como um dos membros da ordem recorda, nas palavras do fundador, esta era para ser:

uma associação que, por meio dos métodos mais sutis e seguros, terá como meta a vitória da virtude e da sabedoria sobre a estupidez e a malevolência; uma associação que fará as descobertas mais importantes em todos os campos da ciência, que ensinará os seus membros a se tornarem nobres e grandiosos, que lhes assegurará a recompensa garantida de sua perfeição completa neste mundo, que os protegerá de perseguições, da destruição e da opressão, e que atará as mãos do despotismo em todas as suas formas.¹

O objetivo derradeiro da ordem era “trazer a luz do entendimento com o sol da razão, que dissipará as nuvens da superstição e do preconceito”. “Minha meta é dar supremacia à razão”, declarou o fundador da ordem.² Seus métodos eram, em retrospecto, educacionais. “A única intenção da liga”, segundo os seus Estatutos Gerais (1781), era “a educação, não por meios declamatórios, mas favorecendo e recompensando a virtude”.³ Contudo, os *illuminati* operariam como uma fraternidade estritamente secreta. Seus membros adotavam codinomes, em geral de procedência grega ou romana: o próprio fundador era “Irmão Spartacus”. Haveria três níveis ou graus de afiliação – Iniciante,

Minerval* e Minerval Iluminado –, mas aos níveis inferiores eram dadas apenas as noções mais vagas sobre as metas e métodos da ordem. Rituais complexos de iniciação foram criados – entre eles, o juramento de guardar segredo, cuja violação seria punida com o método de morte mais penoso. Cada célula isolada de iniciantes recebia instruções de um superior, cuja verdadeira identidade eles não conheciam.

A princípio, os *illuminati* eram bem poucos. Havia apenas alguns membros fundadores, a maioria dele estudantes.⁴ Dois anos após ser criada, o número total de membros da ordem era 25. Em dezembro de 1779, ainda não passava de sessenta. Em poucos anos, porém, esse número subiria para mais de 1.300.⁵ Em seus primeiros dias, a ordem estava confinada a Ingolstadt, Eichstätt e Frisinga, com alguns membros em Munique.⁶ No início da década de 1780, a rede dos *illuminati* se estendera pela maior parte da Alemanha. Além disso, uma lista impressionante de príncipes alemães se juntara à ordem: Fernando, príncipe de Brunswick-Luneburgo-Wolfenbüttel; Carlos, príncipe de Hesse-Cassel; Ernesto II, duque de Saxe-Coburgo-Altenburgo; e Carlos Augusto, grão-duque de Saxe-Weimar-Eisenach;⁷ assim como dezenas de nobres, entre eles Franz Friedrich von Dittfurth, e a estrela ascendente do clero da Renânia, Carlos Teodoro von Dalberg.⁸ Outros membros da ordem serviam como conselheiros de muitos dos *illuminati* mais elevados.⁹ Intelectuais também se tornaram *illuminati*, notadamente o erudito Johann Wolfgang Goethe, os filósofos Johann Gottfried Herder e Friedrich Heinrich Jacobi, o tradutor Johann Joachim Christoph Bode e o pedagogo suíço Johann Heinrich Pestalozzi.¹⁰ Embora não tenha se juntado ao grupo, o dramaturgo Friedrich Schiller baseou o personagem republicano revolucionário Posa, que aparece em *Don Carlos* (1787), num dos líderes dos *illuminati*.¹¹ A influência do movimento é às vezes detectada na ópera *A flauta mágica* (1791) de Wolfgang Amadeus Mozart.¹²

Entretanto, em junho de 1787, o governo da Baviera promulgou o primeiro de três decretos que baniram efetivamente os *illuminati*, condenando-os como “traidores e hostis à religião”.¹³ Um comitê de investigação cuidou de

* Alusão a Minerva, nome romano da deusa da sabedoria, Palas Atena. A insígnia dos *illuminati* consistia de uma coruja, animal que representa a deusa, sentada nas páginas de um livro aberto.

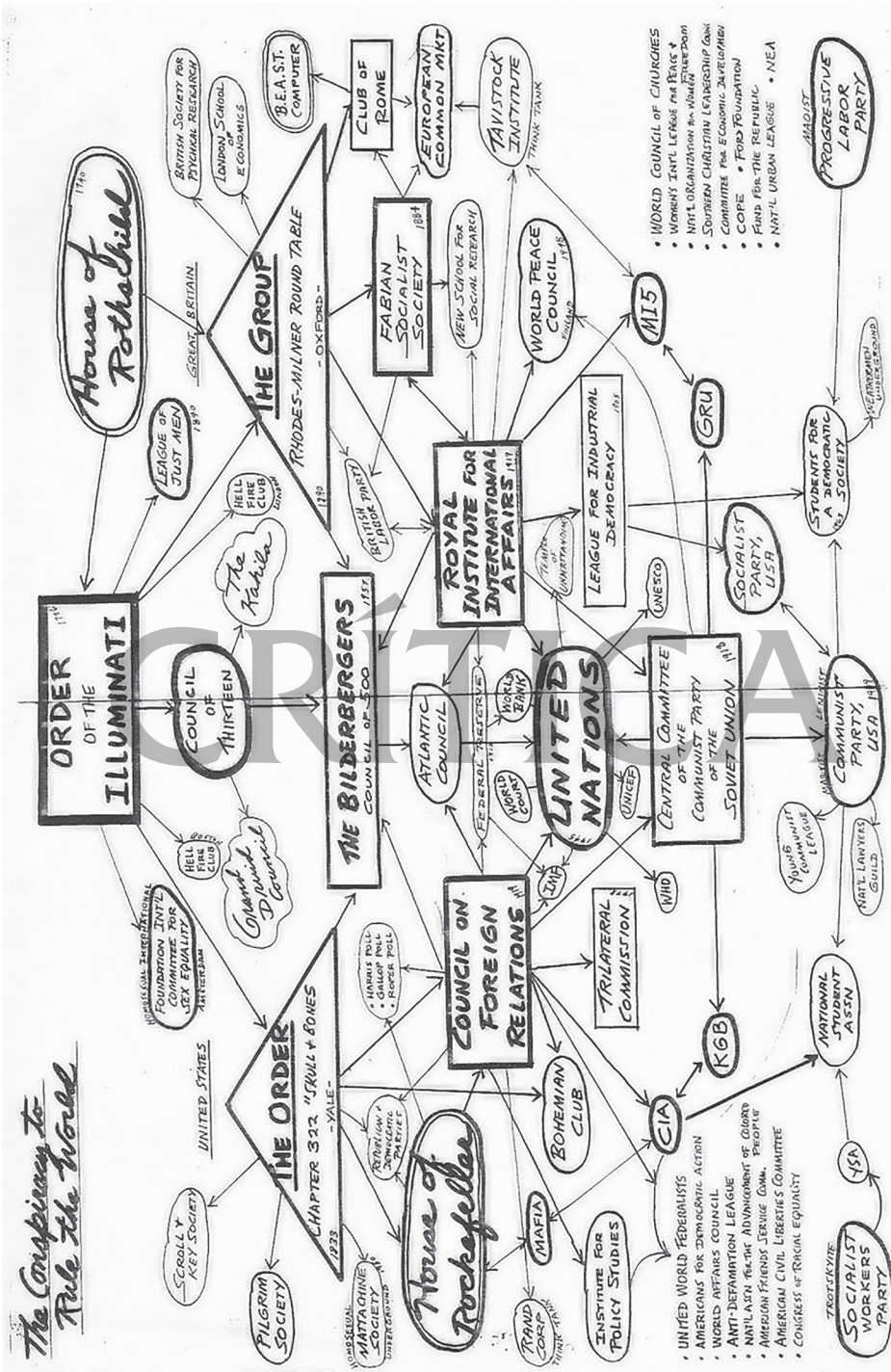
livrar a academia e a burocracia de quaisquer membros da ordem. Alguns fugiram para a Baviera. Outros perderam seus empregos ou foram exilados. Pelo menos dois foram encarcerados. O próprio fundador buscou refúgio em Gota. Para todos os efeitos, os *illuminati* deixaram de operar ao fim de 1787. Entretanto, sua infâmia sobreviveu muito além disso. O rei Frederico Guilherme II da Prússia foi alertado de que os *illuminati* continuavam a ser uma força perigosamente subversiva em toda a Alemanha. Em 1797, o eminente físico escocês John Robison publicou *Proofs of a Conspiracy against All the Religions and Governments of Europe, carried on in the Secret Meetings of the Free Masons, Illuminati, and Reading Societies* [Provas de uma conspiração contra todas as religiões e governos da Europa, perpetrada em reuniões secretas de maçons, *illuminati* e sociedades de leitura], em que alegava que, “por cinquenta anos, sob o pretexto enganoso de iluminar o mundo com a tocha da filosofia e de dissipar as nuvens da superstição civil e religiosa”, uma “associação” vinha “trabalhando zelosa e sistematicamente, até se tornar quase irresistível”, com o objetivo de “ERRADICAR TODOS OS ESTABELECIMENTOS RELIGIOSOS E DERRUBAR TODOS OS GOVERNOS EXISTENTES DA EUROPA”. O ápice dos esforços da associação, de acordo com Robison, foi nada menos do que a Revolução Francesa. Em suas *Memoirs Illustrating the History of Jacobinism* [Memórias ilustrando a história do jacobinismo], também publicadas em 1797, um ex-jesuíta francês chamado Augustin de Barruel fez a mesma alegação. “Mesmo os atos mais horrendos perpetrados durante a Revolução Francesa, tudo foi previsto e planejado, combinado e premeditado [...] o fruto de uma vilania concebida em detalhe.” Os próprios jacobinos, argumentava Barruel, eram herdeiros dos *illuminati*. Essas alegações – que receberam o elogio de Edmond Burke¹⁴ – logo chegaram aos Estados Unidos, onde foram adotadas por, entre outros, Timothy Dwight, o presidente de Yale.¹⁵ Por boa parte dos séculos XIX e XX, os *illuminati* desempenharam o papel involuntário de protoconspiradores daquilo que Richard Hofstadter chamou de forma memorável de “estilo paranoico” da política americana, cujos expoentes alegavam sempre defender os desfavorecidos contra uma “vasta rede perversa internacional e extraordinariamente eficiente criada para perpetrar atos da natureza mais demoníaca”.¹⁶ Para dar apenas dois exemplos, os *illuminati* foram retratados na obra do anticomunista John Birch e no livro *New World Order* (1991) do cristão conservador Pat Robertson.¹⁷

O mito dos *illuminati* vem persistindo até os dias de hoje. É verdade que alguns dos textos inspirados pela ordem ganharam as páginas da ficção, notadamente nos casos da trilogia *Illuminatus*, publicada na década de 1970 por Robert Shea e Robert Anton Wilson; do romance *O pêndulo de Foucault* (1988), de Umberto Eco; do filme *Lara Croft: Tomb Raider* (2001); e da história de suspense *Anjos e demônios* (2000) de Dan Brown.¹⁸ O que é mais difícil de explicar é a crença popular de que os *illuminati* existem de verdade e são tão poderosos hoje quanto o seu fundador pretendia que se tornassem. Por certo, há muitos *websites* que afirmam representar os *illuminati*, mas nenhum deles tem aparência muito profissional.¹⁹ Mesmo assim, diz-se que muitos dos presidentes dos Estados Unidos foram membros dos *illuminati*, incluindo não apenas John Adam e Thomas Jefferson,²⁰ mas também Barack Obama.²¹ Um ensaio que representa bem o gênero (que é bem vasto) desses textos descreve os *illuminati* como uma “Elite de Poder superabastada com a ambição de criar uma sociedade escrava”:

Os *illuminati* são donos de todos os bancos, firmas petrolíferas, as empresas mais poderosas de indústria e comércio, infiltram-se na política e na educação, e dominam a maioria dos governos – ou pelo menos os controlam. São até mesmo donos de Hollywood e da Indústria Musical [...] [O]s *illuminati* dirigem a indústria do tráfico de drogas também [...] Os principais candidatos à presidência são cuidadosamente escolhidos a partir das linhagens de sangue ocultas das treze famílias de *illuminati* [...] A meta principal é criar Um Governo Único, com eles no topo, para levar o mundo a uma situação de escravidão e ditadura [...] Eles querem criar uma “ameaça externa”, uma Invasão Alienígena falsa, para que os países deste mundo estejam dispostos a se unir em UM ÚNICO.

A versão-padrão da teoria conspiratória (ver figura 1) conecta os *illuminati* à família Rothschild, à Távola Redonda, ao Grupo Bilderberg, e à Comissão Trilateral – sem esquecer o administrador de fundos de investimentos livres, doador para políticos e filantropo George Soros.²²

Um número espantosamente alto de pessoas acredita nessas teorias, ou no mínimo as leva a sério.²³ Pouco mais da metade (51%) de mil norte-americanos entrevistados numa pesquisa de 2011 concordaram com a afirmação de que “muito do que acontece no mundo de hoje é decidido por um grupo



1. "A conspiração para governar o mundo."

pequeno e secreto de indivíduos”.²⁴ Um quarto (25%) de uma amostra de 1.935 norte-americanos disse que acreditava que “a crise financeira atual foi orquestrada em segredo por um pequeno grupo de banqueiros de Wall Street para expandir o poder da Federal Reserve e aumentar o controle que exercem sobre a economia mundial”.²⁵ E quase um quinto (19%) concordou com a ideia de que “o bilionário George Soros está por trás de um plano oculto para desestabilizar o governo norte-americano, tomar controle da mídia e deixar o mundo sob o seu controle”.²⁶ O próprio Soros é conectado com frequência aos *illuminati* por famosos defensores de teorias conspiratórias como Alex Jones.²⁷ Pode ser loucura, mas é o tipo de loucura que não atrai somente extremistas. Os autores de um estudo acadêmico recente sobre a prevalência das teorias conspiratórias concluíram que:

metade da população dos Estados Unidos concorda com pelo menos uma [teoria conspiratória] [...] Longe de ser uma expressão aberrante de algum extremo político ou o produto de vasta desinformação, ter uma perspectiva conspiratória da política é uma tendência bem difundida por todo o espectro ideológico [...] Muitos dos sistemas de crença predominantes dos Estados Unidos, sejam eles narrativas sobre Deus ou sobre Satanás [...] ou narrativas de esquerda sobre o neoliberalismo [...] se apoiam em grande parte na ideia de forças invisíveis e deliberadas que moldam eventos contemporâneos.²⁸

E esse fenômeno não é peculiar aos Estados Unidos. Na época da Guerra do Iraque, proporções significativas do público alemão acreditavam que a responsabilidade pelos ataques do 11 de Setembro cabia a “redes de interesses particulares – altamente interconectadas, mas também descentralizadas e sem território próprio – que não são necessariamente o produto da intenção individual ou coletiva [...]”.²⁹ Também na Inglaterra e na Áustria, uma grande quantidade de eleitores diz acreditar em teorias conspiratórias – até mesmo nas inventadas pelos próprios pesquisadores.³⁰ Escritores russos em especial se sentem atraídos por teorias sobre uma conspiração liderada por norte-americanos,³¹ embora nenhum lugar do mundo se equipare ao mundo muçulmano, onde o “conspiracionismo” tem se mostrado desenfreado desde o 11 de Setembro.³² Essas crenças podem ter consequências trágicas. Um defensor norte-americano de teorias conspiratórias, Milton William Cooper,

foi baleado ao resistir à prisão por sonegação de impostos e transgressões ligadas a porte de armas de fogo. A sua resistência à autoridade se baseava na crença de que o governo federal era controlado pelos *illuminati*.³³ A julgar pelas estatísticas globais sobre o terrorismo e as suas motivações, é bem mais provável que os muçulmanos que acreditam num plano norte-americano sionista contra a religião deles partam para a violência do que os *Truthers* [buscadores da verdade] dos Estados Unidos.

A história dos *illuminati* ilustra o problema central que se enfrenta ao escrever sobre as redes sociais, em especial aquelas que tentam se manter secretas. Como o assunto atrai lunáticos, é difícil para um historiador levá-lo a sério. Mesmo aqueles que o fazem encaram a dificuldade apresentada pelo fato de que redes raramente mantêm registros que possam ser acessados com facilidade. Os arquivistas da Baviera preservaram registros da campanha contra os *illuminati*, inclusive documentos autênticos confiscados de membros da ordem, mas apenas em tempos recentes pesquisadores passaram a editar de forma sistemática – e árdua – o que sobrou da correspondência e dos regulamentos dos *illuminati*, documentos encontrados em vários locais diferentes, inclusive entre os arquivos das lojas maçônicas.³⁴ Esse tipo de obstáculo explica por que um dos eminentes historiadores de Oxford insistia em que só sabia escrever “sobre o que se acredita e o que se diz sobre as sociedades secretas, não sobre essas sociedades em si”.³⁵ No entanto, nenhum caso ilustra melhor a significância histórica das redes do que os *illuminati*. Eles por certo não causaram a Revolução Francesa – nem mesmo suscitaram grandes problemas na Baviera. Porém eles se tornaram importantes porque a sua reputação se tornou viral numa época em que a desordem política precipitada pelo Iluminismo – promovida por uma rede de intelectuais de imensa influência – atingia o ápice revolucionário em ambos os lados do oceano Atlântico.

Este livro tenta encontrar um meio-termo entre a historiografia convencional, que tende a atenuar o papel das redes, e os defensores de teorias conspiratórias, que têm o hábito de exagerar esse papel. Ele propõe uma nova narrativa histórica, em que é possível que mudanças importantes – desde a Era das Descobertas e a Reforma, se não antes – sejam compreendidas, em essência, como desafios desestabilizadores apresentados às hierarquias estabelecidas pelas redes. O livro também desafia as suposições confiantes que alguns comentaristas fazem hoje em dia de que há algo inerentemente benigno no

distúrbio que as redes causam na ordem hierárquica. E estuda a experiência dos séculos XIX e XX para identificar modos como as energias revolucionárias transmitidas pelas redes podem ser contidas.

CRÍTICA